

O LEITOR DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DE SUPER-HERÓIS: REFLEXÕES COM BASE NOS ESTUDOS CULTURAIS

SUPERHERO COMIC BOOK READER: REFLEXIONS BASED ON CULTURAL STUDIES

Rubem Borges Teixeira Ramos

<rubem_ramos@hotmail.com>

Doutorando em Ciência da Informação, área de concentração em Informação, Cultura e Sociedade, PPGCI, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Professor na Universidade Federal de Goiás (UFG), Faculdade de Informação e Comunicação (FIC)

<http://lattes.cnpq.br/6361601693845635>

RESUMO

Histórias em quadrinhos podem ser encaradas como artefatos culturais, pois veiculam e expressam elementos e valores sociais pertinentes a vida e a existência cotidiana de vários indivíduos. Tendo por base os postulados de Clifford Geertz e sua interpretação das culturas, o presente artigo tem por objetivo analisar a relação entre a leitura das histórias em quadrinhos de super-heróis da Marvel e/ou da DC Comics e o uso de informações e de conhecimentos ali presentes e veiculados, por parte de seus leitores, em aspectos e momentos inerentes a suas próprias vidas. Pretende-se demonstrar, através de depoimentos colhidos junto aos próprios leitores, que essa relação não somente existe, mas de fato se constitui em ato consciente do leitor, o qual é capaz de estabelecer conexões entre um ou mais conteúdos lidos nos quadrinhos e a aplicação do (s) mesmo (s) em um ou mais momentos ao longo de sua existência.

PALAVRAS-CHAVE: Histórias em quadrinhos; leitores; leitura; estudos culturais;

ABSTRACT

Comic books can be seen as cultural artifacts, since they convey and express social elements and values, relevant to life and daily existence of several individuals. Having as theoretical basis Clifford Geertz and his interpretation of cultures, this paper aims to analyze the relations among Marvel and / or DC superhero comics reading and the information and knowledge use of what is present and conveyed there, by their readers, regarding inherent aspects and moments of their own lives. It is also aimed to show, through the testimonies gathered with the readers, the existence of this relationship and how much it becomes a conscious act by these readers, who are capable of establishing connections among one or more contents that were read in comics and to apply them in one or more moments throughout their own existence.

KEYWORDS: Comic books; readers; reading; cultural studies;



“As histórias em quadrinhos, essas revistas que não ousamos ler abertamente, sob pena de passar por iletrados, são agora objeto de atenções particulares.” Annie Baron-Carvais

INTRODUÇÃO

Aqueles que, em pleno século XXI, ainda tem por costume frequentar ambientes propícios ao ato da leitura, como bibliotecas e livrarias, dentre outros, não obterão dificuldades caso se interessem por adquirir publicações de cunho variado que abordem o estudo, por uma ou mais áreas do conhecimento, de vários elementos e manifestações da cultura humana, tais como o cinema, a televisão, o teatro, os livros best sellers, os clássicos e tantos outros formatos e materiais de leitura e/ou de entretenimento. Entretanto, quando o foco dos estudos recai sobre as histórias em quadrinhos, mesmo diante da recorrente aceitação e presença das aventuras ali contidas e de seus próprios personagens e enredos para outras mídias que não a original – a revista em quadrinhos, ou mais popularmente como é conhecida no Brasil, o gibi – depara-se com o diminuto número de obras as quais dediquem postulados e teorias capazes de apreciar e de entender essa mídia como a mesma se manifesta, já por décadas a fio, junto a humanidade.

De fato, muito já foi dito sobre a leitura e o “sucesso” das histórias em quadrinhos. Mas, a princípio, este mesmo “muito” assume uma peculiaridade efêmera, na medida em que a trajetória ainda corrente dos quadrinhos carece de um volume mais expressivo de análises e estudos sérios e engajados, os quais forneçam a todos aqueles interessados o mesmo leque de possibilidades de se contemplar essa mídia, também denominada de “a nona arte”, que os próprios quadrinhos oferecem a seus leitores, quer se realize efetiva constatação por gêneros abordados nas narrativas, pelo número de personagens a fazerem parte de suas páginas, pela quantidade de publicações, impressas e/ou digitais presentes mesmo no século XXI que estão confeccionadas no formato de quadrinhos ou pelo que seus leitores tem a expressar quanto a leitura das mesmas, dentre outras possibilidades.

O presente artigo tem por viés justamente apresentar, analisar e tecer considerações a respeito da figura do leitor das histórias em quadrinhos. Este indivíduo, que ao longo da trajetória de publicação da mídia em questão pode ser encarado de formas variadas, as quais parecem ir desde o semiletrado até mesmo ao “culto” e erudito, pode ter muito a dizer e a contribuir para a compreensão dos quadrinhos, não apenas como mídia ou meio de comunicação de massa, mas também como artefato cultural, cuja origem pode ser incerta e imprecisa, mas que, compreendidos como publicação, permanecem ativos no mundo contemporâneo.

Especificamente, pretende-se focar aqui o leitor de quadrinhos do gênero de super-

heróis. Dado que este é ainda hoje o gênero de maior publicação, dentre os diversos presentes nas páginas dessas mesmas histórias, faz-se apropriado partir do mesmo para a confecção e apresentação de tais análises. Contemplar este leitor traduz-se como uma tentativa de tecer considerações acerca da relação estabelecida entre o artefato cultural – histórias em quadrinhos – e a figura que se vale do mesmo – o leitor. Considerações estas que poderão auxiliar na compreensão do hábito de leitura em questão e até mesmo do fascínio que esta leitura e seus personagens em particular exercem diante de seu leitor.

O ESTUDO DOS QUADRINHOS

Embora não se exista um consenso quanto a cunhar o início da existência dos quadrinhos na cultura e na sociedade humanas, seu sucesso enquanto publicação junto aos leitores e leitoras data do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX. Como narrativa gráfico-visual, os quadrinhos possuem até hoje em sua composição a combinação de dois elementos de larga aceitação por parte da humanidade para transmitir e veicular mensagens: a imagem e a escrita.

Assumindo-se os quadrinhos como uma manifestação ou artefato cultural, a partir da estruturação, arranjo e combinação entre imagens e escrita, e o quanto as mesmas ainda se encontram presentes e utilizadas pelo homem, uma forma de reconstituição entre os mesmos quadrinhos e a realidade social que os abarca pode gerar resultados interessantes, no que diz respeito a configuração e a compreensão de significados cujo envolvimento se dá tanto na expressão do artefato cultural – aqui as próprias histórias em quadrinhos – quanto na retórica com que seus leitores expressam as relações estabelecidas com personagens prediletos e o uso de suas falas, ações e exemplos em seu próprio cotidiano. Essa forma de envolvimento também se constitui como processo social, na medida em que, de acordo com Geertz (2008, p.184), “uma ocorrência não ‘na cabeça’, mas naquele mundo político, onde as pessoas falam umas com as outras, dão nome as coisas, fazem afirmativas e, em um determinado grau, compreendem umas às outras”.

Para Iser (1999), o ser humano exhibe uma notória necessidade de lidar e de se envolver com o ficcional em sua existência e nos mais diversos níveis que compõem a sociedade. Uma das formas de se ocorrer um envolvimento com aquilo que é em dado momento ficcional se dá

justamente no processo de interação entre texto escrito e seu leitor, pois ambos acabam por se envolver em um processo contínuo de criação e recriação das histórias registradas em texto, quando do ato da leitura. Acredita-se que os leitores tenham consciência, em grande parte dos casos, que aquilo que está representado no texto se trata de uma ilusão, portanto ficcional por implicação. Porém, mesmo exibindo essa ciência, isso não os desestimula a vivenciar as experiências contidas nesse domínio ficcional, já que a leitura em questão pode, por ventura “[...] revelar algo sobre nós mesmos”. (p.65).

Tendo a leitura como sendo um elemento presente no desenvolvimento dos indivíduos, e que a quantidade de estudos que vislumbram em específico as opiniões e impressões dos leitores acerca de uma leitura empreendida é relativamente pequena, faz-se contundente elucubrar e refletir sobre a leitura das histórias em quadrinhos, com destaque aqui para aquelas pertencentes ao gênero de super-heróis e das editoras *Marvel* e *DC Comics* e sua possível contribuição para com o desenvolvimento de seus leitores, enquanto membros de uma cultura e de uma sociedade. As histórias em quadrinhos deste gênero e editoras foram escolhidas como meio de associar o ato da leitura como forma de obtenção de conhecimento e com o desenvolvimento pessoal e intelectual de seus leitores, o que se traduz, em muitas vezes, no desenvolvimento de habilidades, competências, hábitos e gostos desses leitores, ao longo de suas vidas.

De modo a se compreender os leitores das histórias em quadrinhos de super-heróis da *Marvel* e/ou da *DC Comics* como leitores conscientes da leitura empreendida, formular-se possíveis aproximações teóricas se faz mais importante do que valorar perspectivas calcadas em rótulos e estereótipos imprecisos ou incorretos acerca dos mesmos. Nesse sentido, conceitos de apropriação e/ou troca de informações e conhecimentos através da compreensão e da interpretação da cultura, como foram apresentados por Clifford Geertz defendem, entre outros aspectos, a valorização da figura do leitor consciente, ou seja, aquele que é capaz de exhibir, através da leitura empreendida, características de apropriação, ressignificação e inserção do conhecimento lido em sua vivência cotidiana. No que tange especificamente a leitura de histórias em quadrinhos de super-heróis e seus leitores, é possível se empregar Geertz, quando o mesmo postula que “[...] acreditando-se, da mesma forma que Max Weber, que o homem é um animal em suspenso por teias de significado nas quais ele mesmo tece ou transita, eu tomo a cultura como sendo essas mesmas teias, e a análise dessa como sendo não uma ciência experimental, em busca de uma lei,

mas uma ciência interpretativa, em busca do significado”(1989, p.04). Portanto, aplicar o pensamento de Geertz quanto a cultura, tendo por enfoque o artefato cultural histórias em quadrinhos, é uma forma de se endossar a necessidade de se entender como os leitores dessa mídia a utilizam, interpretando os atos, conceitos e exemplos nela contidos, para transitar em suas próprias teias de significado da vida cotidiana.

ANTROPOLOGIA SEMIÓTICA

A Antropologia Semiótica, conforme proposta de Geertz (1978), estuda a cultura como um conjunto de teias ou estruturas de significado, que uma pessoa dá para uma ação que desempenha. O estudo da ação humana não pode ser exclusivamente voltado ao que se observa em termos de comportamento externo. Esse estudo deve também incluir os significados que as pessoas dão para as ações desempenhadas. Conforme postula o próprio Geertz “[...] se você quer compreender o que é a ciência, você deve olhar, em primeiro lugar, não para suas teorias ou as suas descobertas, e certamente não para o que seus apologistas dizem sobre ela; você deve ver o que os praticantes da ciência fazem” (2008, p.04).

Ao se assumir que o estudo da ação humana necessita ser contemplado do ponto de vista do ser humano, ou seja, considerando-se observar e compreender mais do que atos ou comportamentos unicamente de cunho externo, mas também e sobretudo analisar e interpretar quais os significados que um ou mais indivíduos exprimem e fornecem para a ação que desempenham, essa mesma linha de pensamento pode ser aplicada a inúmeras formas presentes de ação humana e desdobramentos da mesma, o que abre caminho para seu emprego análogo a leitura das histórias em quadrinhos de super-heróis. Entretanto, focando-se este artefato cultural não do parâmetro do objeto / meio de comunicação quadrinhos em si - já que adquirir um quadrinho, quer seja emprestado de amigos ou parentes leitores, comprar o mesmo nas bancas de jornais ou livrarias ou mesmo ir a uma gibiteca e passar algum tempo na mesma acessando diversos gibis e afins são todos comportamentos válidos e presentes, facilmente observáveis em uma base diária nos referidos pontos de venda / acesso mais comuns aos quadrinhos - mas do ponto de vista daquele que empreende o contato, a leitura e o consumo do mesmo, ou seja: o leitor. O propósito aqui, portanto, é o de focar e contemplar o significado que os leitores dão a leitura empreendida. A essa análise e compreensão, de se visualizar o comportamento do leitor e os significados que este comportamento assume para o leitor, foi cunhado por Geertz o termo

“descrição densa”, o qual será melhor explicado em seguida.

DESCRIÇÃO SIMPLES E DESCRIÇÃO DENSA

No que tange a pesquisas na área das ciencias sociais, muitas das quais primam por destacar e entender as relacoes estabelecidas entre diferentes sujeitos, ou mesmo entre sujeito e objeto, prima-se por identificar e analisar as possiveis relacoes estabelecidas entre ambas as entidades. Minayo (1994) por exemplo, defende a existencia de uma multiplicidade de razoes e de fatores culturais, de faixa etária e mesmo de classe que podem ser exibidos em um mesmo recorte ou extrato social que se pretenda investigar. Entretanto, o investigador que se debruça em uma pesquisa nesta área, acaba por exibir um ou mais traços em comum, quer seja com objeto pesquisado e sua relação com o público alvo, ou ate mesmo com os indivíduos alvos da pesquisa, como que uma forma de solidariedade imbricada e comprometida entre eles.

Essa relação entre sujeito e objeto, ou entre sujeitos diversos, pode muito bem ser a própria cultura, quando vista sob o enfoque de Geertz (2008), que argumenta sobre a impossibilidade de se compreender qualquer tipo de gesto ou postura, ou mesmo ideia, sem de fato se compreender o contexto no qual elas se manifestem. Por exemplo, em algumas culturas e sociedades, quando uma pessoa levanta ambos os dedos, indicador e médio, simultaneamente, isso costuma ser interpretado como uma referência simbólica ao conceito de “paz”. Entretanto, o mesmo ato também pode ser interpretado como que fazendo uma alusão ao conceito de “vitória”, ou também para se ressaltar ou enfatizar a representação do número “dois”. Geertz argumenta que, dentre os diferentes empregos de um ato ou gesto, se alguém se propõe simplesmente a descrever um gesto, esta pessoa está apenas realizando uma **descrição simples ou superficial**. Porém, se essa mesma pessoa procura explicar com maior ênfase, informando e relatando o contexto cultural em que aquele mesmo ato ou gesto se insere no momento em que foi empregado, então ai se realizaria uma **descrição densa**.

Ao se pensar a descrição densa, deve-se considerar primordialmente a forma como um pesquisador procede ao relato e a descrição seus estudos. Esta forma engloba apresentar e considerar as mais diversas particularidades apresentadas por um objeto e/ou sujeito, considerando-se para isso todos os fatores inerentes a sua vida social e a ação social dos mesmos. Não é objetivo se cunhar uma ou mais leis gerais e imutáveis, até porque toda a pesquisa envolvendo seres humanos e suas interações é capaz tão somente de apresentar resultados

contidos em um determinado recorte, quer este seja cronológico ou geográfico, por exemplo. Assim sendo, o objetivo da descrição densa é o de identificar e compreender os possíveis significados ou significações empregadas por um ou mais indivíduos quando da realização de uma ou mais ações. Ou seja, o que a descrição densa prima por é ser interpretativa em busca de um ou mais significados, na tentativa de explicar e interpretar expressões ou mesmo ações sociais que são “enigmáticas na sua superfície” (GEERTZ, 2008, p.4).

A cultura, defendida analogamente por Geertz como a um conjunto de teias, não é um único fio onde sejam conectados e relacionados acontecimentos e/ou condutas sociais a esmo. Pelo contrário, ao se evocar uma ou mais teias, cria-se um contexto no qual os acontecimentos e fenômenos possam ser interpretados de forma inteligível ou, como se denomina aqui, densa. Portanto, compreender a cultura de uma determinada população ou extrato social e torná-la normal, a partir da exposição daquilo o que dentro do mesmo seja tido como “normal”, sem que para tanto se diminua suas possíveis particularidades.

Desse modo, ao se proceder a uma descrição cultural, deve-se ater sim aos valores culturais exibidos pelo conjunto ao qual se queira debruçar e compreender, atentando para as interpretações que os membros desse mesmo conjunto exibem e relatam quanto a suas próprias experiências, já que as mesmas são descrições de interpretações. Proceder-se a uma análise cultural é assim entendido como se pautar pela interpretação daquilo que os membros do extrato social ao qual se deseja compreender demonstram em suas práticas, para em um segundo momento, considerar-se a sistematização de tais práticas, tornando-as assim inteligíveis a todos os interessados junto a mesma.

A DESCRIÇÃO DENSA E OS LEITORES DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Através da compreensão da relação que o leitor estabelece entre o conteúdo lido nos quadrinhos e sua interpretação a cerca dessa leitura, para em seguida compará-lo e às vezes até mesmo incorporá-lo e utilizá-lo em sua vida, é que se poderá compreender, nessa esfera, a “descrição densa” da cultura segundo Geertz, ou seja, o significado e a interpretação fornecidos pelo próprio leitor que as usou em um momento da vida, advindo também daquilo que fora lido nas histórias em quadrinhos. Não parece ser possível compreender a apropriação de informações e do conhecimento, por parte do leitor aqui contemplado, sem se conhecer como o leitor infere

em sua realidade a partir do exemplo visto ou lido na história em quadrinhos. No caso presente, os significados das ações simbólicas dos personagens quando vistas também se considerando o momento e o ambiente social em que foram realizadas. É possível se visualizar ações simbólicas através dos gestos, dos atos de um ou mais personagens e também dos acontecimentos a que eles são acometidos. Entretanto, mais do que as visualizar, o trabalho aqui descrito se propõe a refletir sobre o significado de se recorrer ou se empregar um determinado gesto, fala ou ato em um determinado contexto. Ou seja, compreender-se o significado de uma ou mais ações simbólicas em sua plenitude requer uma posição diferenciada, e não apenas um olhar de visualização. Requer a aplicação da descrição densa de Geertz, a qual demonstre a presença e o relato quanto aos elementos da relação dialógica entre aquele que pesquisa e seus interlocutores – os leitores de quadrinhos de super-heróis.

A pesquisa empreendida foi também um esforço para se vislumbrar e se captar os significados. Não os significados isolados de se agir de um determinado modo, de se empreender um ato heroico ou vilanesco, dependendo da natureza e aspiração de um determinado personagem, mas sim das ações simbólicas dos personagens dos quadrinhos – seus gestos, falas, posturas, pensamentos, reflexões, etc. - dentro do contexto social dos seus leitores. A descrição densa de Geertz é uma teoria que permite obter-se do leitor o olhar / leitura diferenciada, pois através do emprego da mesma, torna-se viável o acesso e o relato dos elementos que o leitor aponta e ressalta, os quais captaram sua atenção, sendo influentes e significativos o bastante para, dentro de seu contexto social, serem recorridos como uma forma de se lidar para com sua própria realidade cotidiana. Para se compreender o significado de uma trama, ou mesmo de uma história em quadrinhos, faz-se necessário um caminhar que se origina na leitura do texto, aqui se compreendendo a leitura dos quadrinhos como uma das ações simbólicas realizadas pelo leitor, e que prossegue ao contexto – realidade histórica e social – do leitor do quadrinho, em particular no momento em que este mesmo leitor recorreu ao emprego daquilo que fora obtido através da leitura para a realização de uma outra ação, a de aplicação do conhecimento obtido em um determinado contexto.

Prova disso é o recente artigo publicado por Carol Tilley (2012), professora americana da *University of Illinois*, que obteve acesso aos transcritos de Frederic Wertham (1954), psiquiatra

norte americano famoso nos anos 1950 por lançar a obra *Sedução dos Inocentes*¹. Wertham argumentava contra a leitura de histórias em quadrinhos, alegando que estes corrompiam as mentes dos jovens leitores. Em seu artigo, Tilley aponta e ressalta vários exemplos que comprovam que Wertham, ao conduzir as entrevistas com jovens tidos como “problemáticos”, acabou por manipular, comprometer e fabricar evidências não contidas nos depoimentos originalmente obtidos. De acordo com Silva (2005, p.46), Geertz defendia que a cultura também pode ser encarada como a um “[...] conjunto de textos, onde as performances são exemplares variantes”. Vislumbrando a compreensão do significado de um determinado texto, o pesquisador deve ir do texto – a leitura como uma ação – ao contexto, ou seja, a realidade histórica e social do leitor. Obviamente, sob o enfoque dado aqui, Wertham falhou ao se demonstrar incapaz de realizar o percurso acima proposto, que se estende desde a ação da leitura dos quadrinhos (texto), por parte do leitor, até a ação de aplicação do conhecimento obtido através daquela leitura (contexto / realidade social do leitor). Falha esta possibilitada em muitos dos casos onde os jovens foram taxados como “problemáticos”, pela total ignorância do psiquiatra acerca dos problemas reais vividos por estes mesmos jovens em seus ambientes familiares, escolares e outros, conforme os transcritos do próprio e o trabalho de Tilley apontam. A título de exemplo, mencionam-se alguns dos casos apresentados por Wertham e as suas subseqüentes omissões [traduções nossas]:

Caso 1: Um garoto de treze anos de idade, que se encontrava em estado probatório e recebia acompanhamento clínico por ter urinado na boca de outro garoto. Uma das conclusões de Wertham para este caso foi a de que: “Como muitos outros casos de crianças inclinadas a tendências homo afetivas, o paciente em questão se mostrou um devotado fã de Batman, inclusive ressaltando ‘Algumas vezes, eu leio estas revistas várias e várias vezes. Elas mostram muito. Eu não me lembro do nome do Batman, mas o nome do garoto é Robin. Eles vivem juntos. Pode ser que Batman tenha feito algo com o Robin como o que eu fiz com o garoto mais novo [...] Batman poderia ter salvo a vida deste garoto. O Robin se parece de um jeito como uma garota. Ele usa apenas cuecas’”.

Transcrição completa: “Meus quadrinhos favoritos são os de guerra. Eu já li os do Batman. Eu gostava deles há um tempo, hoje nem tanto mais. Eles são bastante exibidos. Eu não sei o nome do Batman, mas o nome do garoto é Robin. Eles vivem juntos. Pode ser que o Batman

¹ WERTHAM, Frederic. *Seduction of the innocents*. New York: Rineheart & Company, 1954.

fez algo com o Robin como o que eu fiz com o garoto mais novo. Batman pode ter salvo a vida deste garoto. Ele pode ter feito o garoto colocar a coisa dele em sua boca. O Robin se parece com uma garota. Ele só usa cuecas. Eu leio *O Crime não compensa*, e também o *Superman*".

Falhas Cometidas: Wertham deu muito mais crédito e peso a leitura do garoto quanto aos gibis do Batman do que a transcrição do caso indicava. Ele também dá a entender que a leitura das revistas do Batman ocorria de forma concomitante com a terapia a que o garoto de treze anos estava sendo submetido, enquanto que o garoto posicionava esta leitura como tendo ocorrido no passado. Comparações mais detalhadas com outros trechos revelam lacunas e falhas, como por exemplo, a falha de Wertham em não informar ao seu leitor que, anteriormente a prisão efetuada do paciente em questão, o garoto que alegadamente fora "vítima" do leitor do Batman havia de fato sodomizado este leitor de quadrinhos.

Caso 2: Uma garota, chamada Dorothy, afro-americana de treze anos de idade, vinda de um ambiente familiar paupérrimo. Dorothy lia quadrinhos ambientados na selva, que mostravam mulheres como Amazonas poderosas, como a personagem Sheena, e também lia quadrinhos de crime, incluindo Penalidade, o qual ela apontava a ressalva de nunca mostrar os criminosos escapando de suas punições. Ao inquirir Dorothy sobre os quadrinhos ambientados nas selvas, Wertham transcreveu sua fala: "Eu gosto de ver o modo como elas dão altos pulos e chutam homens e os matam! [...] A Sheena tem uma enorme selva onde vive e as pessoas lá gostam dela e fariam de tudo por ela".

Falhas Cometidas: Wertham comenta que as imagens de mulheres fortes e poderosas reforçam papéis e conceitos como violência vingativa contra homens e possivelmente estimulavam o desenvolvimento dessa postura de aversão a figura masculina, e, portanto, homossexual. Entretanto, Wertham omitiu na *Sedução dos Inocentes* uma passagem reveladora sobre a realidade cotidiana de Dorothy. Nas notas do prontuário dessa paciente, ela relatou um incidente no qual sua tia fora acossada por membros de uma gangue, levada a um terraço e roubada por menos de um dólar. Wertham também preferiu omitir que Dorothy, que era uma habitual gazeteira de cabular aulas com frequência, era também uma fugitiva de casa e uma membra de gangues, era ativa sexualmente e demonstrava possuir deficiências na leitura e nível de inteligência abaixo do normal, para os padrões da época. Ao invés de relatar isso, Wertham preferiu concluir que "Dorothy seria uma pessoa boa e de índole pacífica se a sociedade a tivesse dado uma chance – Quadrinhos são parte da sociedade".

Outro fator revelador do caso presente e também omitido por Wertham em seu livro é o de que Dorothy fora paciente não sua, mas do Dr. Mosse, e que ela fora hospitalizada em um hospital onde ele não era clínico nem praticava junto ao mesmo, portanto ele não teria sequer conversado com a paciente, ou mesmo a observado de perto.

Tratam-se apenas de dois exemplos pontuais, claro. Entretanto, a tese da professora Carol Tilley procura esmiuçar muitos dos casos constituintes da obra de Frederic Wertham, apontando falhas conceituais e de procedimentos de coleta dos dados, como mencionadas acima. Para tanto, Carol Tilley obteve acesso aos transcritos dos casos, que se encontravam em posse da *Library of the Congress*, nos Estados Unidos, e procedeu a extensiva comparação entre estes e a obra de Wertham. Dentre suas conclusões, Carol Tilley afirma que

A Sedução de Wertham incluiu inúmeras falsificações e distorções. Este trabalho documenta exemplos específicos de como Wertham manipulou, exagerou, comprometeu e fabricou evidências – especialmente as evidências que ele atribuiu a pesquisa clínica realizada pessoalmente com jovens – para ganhos retóricos. Eu defendo que Wertham privilegiou seus próprios interesses quanto aos elementos culturais da psiquiatria social e da higiene mental ao custo da ciência praticada de forma sistemática e confiável, uma ação que, não obstante, serviu para lhe desacreditar tanto quanto a suas alegações quanto as histórias em quadrinhos. (p. 386).

Empregando a teoria de Geertz sobre um artefato ou expressão cultural — da mesma forma como aqui se encaram as histórias em quadrinhos de super-heróis — torna-se necessário desenvolver uma melhor compreensão acerca das ideias e dos valores presentes nos quadrinhos, e de como os mesmos são relatados e utilizados pelos leitores. É necessário se pensar e se propor um estudo que se pautar pelo emprego da descrição densa, situando os quadrinhos dentro do contexto cultural e de vida dos próprios leitores. Esta proposição é pertinente e válida, conforme Kroopnick (2003) ressalta, no documentário americano comic book superheroes unmasked:

Super-Homem, Batman, Homem Aranha, Hulk e muitos outros. Os heróis das histórias em quadrinhos têm verdadeiramente inspirado gerações de leitores. Críticos dizem que eles não são nada mais do que ‘coisa de criança’, mas se você olhar por trás das máscaras e por entre as capas, poderá ver uma história um pouco mais complicada e densa [grifo nosso]. Desde a grande depressão, os super-heróis possuem demandas socialmente e politicamente profundas, e todas as forças que dão forma e moldam o nosso mundo acabam por também transformar os super-heróis.

Estudar o comportamento humano, tendo por base um determinado contexto escolhido – o dos leitores de quadrinhos de super-heróis - o qual norteia um conjunto de ações e comportamentos, é uma tarefa ao mesmo tempo rica e detalhada, porém laboriosa. Isso porque, para se vislumbrar este comportamento, é preciso estar a par e compreender que os atores envolvidos, assim como suas decisões e ações propostas e tomadas são carregadas de conceitos e de significados, muitos dos quais podem estar imbricados uns aos outros, de forma simultaneamente irregular e inexplícita, constituindo assim o conjunto de teias ou de estruturas de significado proposto por Geertz. Ao procurar se contemplar os atores sociais, quando estes se envolvem em processos resultantes de ações e de decisões, tem-se então uma tentativa de compreender os acontecimentos e mais ainda, a experiência sensível a qual se insere o código do sistema cultural. Silva (2005), ao abordar o ponto de vista de Geertz, ressalta que os acontecimentos são de vital importância para este autor, quando eles são entendidos como a experiência sensível, a qual permite a compreensão das culturas como realidades dinâmicas, onde as performances dos atores sociais são compreendidas em sua máxima quando se é capaz de entender o sentido, dentro da cultura onde a performance é realizada, que o leitor exprime ao realizá-la.

Para tanto, as atitudes e formas de se extrair conhecimento de uma ou mais determinadas leituras empreendidas apresentam um novo significado, que é o de se basear no emprego deste conhecimento adquirido de forma social, com base na valorização do ser humano que e quem empreende tais ações, bem como na capacidade de demonstrar empatia e afinidade para com os exemplos e passagens contidas nos quadrinhos e também na mediação participativa e interativa da cultura. A leitura assim demonstra adquirir uma posição e função social junto a vida de seus leitores, fundamentada sob a ótica da apropriação individual e coletiva da cultura, por parte destes mesmos leitores.

COMPREENSÃO DOS QUADRINHOS NOS ESTUDOS CULTURAIIS

Existem alguns aspectos no mundo da vida capazes de agrupar a experiência humana, ainda mais quando esta é encarada como o conjunto de experiências sensíveis pertencentes ao mundo vivido. Um desses aspectos é a cultura, que segundo Geertz, é dada no plano público, já que “a cultura é pública porque o significado o é” (2008, p.09). O universo que compreende o mundo vivido, como sendo o mundo também das representações, é incapaz de ser dissociado das

práticas sociais as quais regem o mundo da vida e, por consequência, a manutenção da humanidade enquanto sociedade coletiva.

Outro antropólogo que versa sobre o aspecto agregador de valor da cultura e de seus fluxos é Hannertz (1997). Em seus estudos, acaba por endossar o pressuposto de Geertz ao postular que “[...] para manter a cultura em movimento, as pessoas, enquanto atores e redes de atores têm de inventar a cultura, refletir sobre ela, fazer experiências com ela, recordá-la, discuti-la e transmiti-la.”(p.12).

No que se refere às histórias em quadrinhos, é possível apropriá-las ao conceito cultural, uma vez que como meio de comunicação de massa, elas também podem ser consideradas como produtos, artefatos ou bens culturais se formam no plano coletivo e através da experiência humana, capaz de agregar valor e significado a própria cultura, pode-se inferir quanto à capacidade que os quadrinhos, como bens culturais, têm de agregar a reprodução de valores e de elementos constituintes da sociedade. Mais especificamente sobre essa premissa, segundo Geertz

A análise cultural é – ou deveria ser – uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjecturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjecturas e não a descoberta do Continente dos Significados e o mapeamento de sua passagem incorporada (p.30-31).

Assim, compreender os conhecimentos que os leitores dos quadrinhos obtêm através da execução dessa leitura é lançar-se luz sobre a reprodução e veiculação, pelas páginas e quadrinhos desse bem cultural, dos valores e elementos presentes à sociedade humana também na contemporaneidade. E, considerando-se que entender ciência na perspectiva de Geertz é ter o foco voltado para as práticas e ações daqueles que fazem ciência, pode-se traçar um paralelo aqui, tendo-se em vista que compreender o que são as histórias em quadrinhos se torna um conhecimento muito mais rico e elaborado na medida em que se enxerga o que as pessoas envolvidas com as mesmas – na terminologia de Geertz os praticantes, mas para fins mais apropriados e diretos aqui, os próprios leitores dos quadrinhos – fazem com estas histórias, muito mais do que simplesmente olhar para as teorias e descobertas feitas até o presente momento que envolvam o objeto cultural história em quadrinhos. Assim, entende-se que os questionamentos e hipóteses mais interessantes, relevantes e que poderão trazer mais resultados a respeito dos quadrinhos, não se prendem necessariamente ao status ontológico das mesmas –

até porque uma visão como esta implicaria por si só em outro trabalho tão pertinente quanto o presente, já que não existe ainda um consenso geral sobre a definição mais apropriada do que vem a ser histórias em quadrinhos – mas sim qual é a sua importância e relevância (da trama contida em suas páginas, ou dos personagens retratados ao se folhear uma revista de quadrinhos, por exemplo) para com seu público leitor? O que se entende como sendo veiculado e transmitido através dos quadros, tirinhas e páginas dos quadrinhos, bem como através das posturas, posicionamentos, falas e/ou expressões corporais dos personagens? Os enredos e tramas, as aventuras, os posicionamentos e as ações dos personagens dos quadrinhos podem representar uma gama variada de aspectos simbólicos e figurativos das práticas e contextos sociais, como alegorias de notável semelhança as situações reais vividas pelos próprios leitores. Por isso, histórias em quadrinhos podem ser compreendidas como um fenômeno cultural, na medida em que a cultura também é vista como um conjunto de experiências e/ou práticas humanas, em sociedade.

O QUE O (S) LEITOR (ES) DE QUADRINHOS DE SUPER-HERÓIS TEM A DIZER

De modo a se compreender o leitor das histórias em quadrinhos de super-heróis como um protagonista no exercício da leitura consciente, e não meramente um expectador atrelado a uma narrativa, faz-se necessário a consideração da figura desse próprio leitor, enquanto aquele que exerce o ato da leitura, acaba por também estabelecer relações de apropriação, ressignificação e inserção das informações e dos conhecimentos contidos nesses quadrinhos em sua vivência cotidiana.

Inclusive a leitura das histórias em quadrinhos do gênero dos super-heróis pode ser encarada como uma forma de manifestação da ação humana. Credita-se isso ao fato de que esta mesma leitura não pode ser vislumbrada exclusivamente como um comportamento externo, o que aqui assume o caráter de leitura isolada, sem implicações ou ramificações para com o leitor que dela se vale. Mas sim, o estabelecimento quanto a compreensão dos significados das ações desempenhadas pelos personagens presentes nos quadrinhos perante seus leitores, e como a interpretação de tais significados permite a estes mesmos leitores traçar paralelos entre o conteúdo lido e situações ocorridas em suas próprias vidas, abrindo assim a possibilidade de emprego.

De modo a corroborar as premissas postuladas ao longo de todo este texto, uma pesquisa de campo foi empreendida, a qual primava por entrevistar leitores e leitoras em particular das histórias em quadrinhos da *Marvel* e/ou da *DC Comics* pertencentes ao gênero dos super-heróis, no intuito de coletar junto aos mesmos depoimentos, impressões e colocações quanto de sua leitura desses quadrinhos, e se de fato lê-los ofereceu alguma possível correlação com pelo menos um aspecto ou momento de suas vidas. Cabe ressaltar que a coleta de dados ocorreu ao longo do segundo semestre de 2015, junto a uma população de leitores (as) maiores de 18 anos, das cidades norte americanas de *Urbana* e *Champaign*, localizadas no estado de *Illinois*.

Para entender a apropriação e possível emprego subsequente do conteúdo veiculado em uma ou mais histórias em quadrinhos por parte dos leitores, foi-se solicitado aos mesmos que apontassem quais os personagens – aqui podendo serem citados heróis, vilões, anti-heróis ou mesmo personagens sem nenhum tipo de poder ou capacidade sobre humana, mas que fizessem de alguma forma parte integrante do universo das editoras e gênero definidos anteriormente – eram os seus favoritos. Em seguida, propôs-se a eles que refletissem e compartilhassem os

motivos pelos quais aqueles mesmos personagens escolhidos eram os seus favoritos. De posse dessas informações, em dado momento da entrevista, foi indagado a cada um deles se poderiam descrever pelo menos uma situação em que empregaram um ou mais conhecimentos, falas, atitudes, exemplos ou posturas de um personagem das histórias em quadrinhos da Marvel e/ou da DC em suas vidas, visando assim o estabelecimento de conexões, por parte desses mesmos leitores(as), daquilo que fora lido nos quadrinhos com acontecimentos de suas próprias vidas, e o quão cientes eles(as) se encontravam a cerca dessas correlações.

O propósito deste estudo não foi o de generalizar os resultados obtidos junto as experiências de leitura relatadas, mas sim o de investigar e de apresentar as possíveis congruências presentes nos relatos compartilhados pelos diversos leitores entrevistados, já que os mesmos leitores provêm de diferentes origens – inclusive nem todos os entrevistados são norte-americanos de nascimento, embora todos concederam a entrevista em solo americano e no mesmo já residiam a algum tempo – o que acarreta em diferentes experiências e históricos de vida.

RELATOS DOS (AS) LEITORES (AS) E AS DESCRIÇÕES

Leitora: M.C.	
Idade: 19 anos	Estado Civil: Solteira
Profissão: Estudante	Naturalidade: Subúrbio de Chicago, Illinois
Formação: Biologia Molecular e Celular (em andamento)	

Personagem ou História escolhido (a)

Mulher Invisível (Susan Storm Richards), do Quarteto Fantástico, na Guerra Civil.

Descrição Simples

A leitora M.C. apontou como uma de suas histórias favoritas o evento “Guerra Civil”, onde em virtude da promoção de uma lei de registro que obrigava todos os super-humanos a se registrarem oficialmente junto ao governo norte americano, ocorreu uma divisão na comunidade dos super-heróis, tendo de um lado membros favoráveis ao registro e do outro, membros que se opunham ao mesmo.

Ao ser indagada sobre a razão pela qual a Guerra Civil é uma de suas histórias favoritas, M.C. informou que isso se deu pela capacidade dessa trama de lhe causar conflitos internos e ser diferenciada das típicas tramas de quadrinhos. Descrevendo os efeitos dessa história para si mesma, M.C. apontou que se pode ler quadrinho após quadrinho após quadrinho e tudo permanecer na mesma, ou seja, a mesma fórmula triunfante. Mas em Guerra Civil, a sensação era diferente a cada revista. Ela informou inclusive ter sido estimulada a pensar nas edições e nas consequências a cada desenrolar da trama, e para tanto, recorria sempre a uma pergunta: “o que eu faria naquela situação?”. Sendo que, em muitos dos casos, a resposta que mais encontrava a esta mesma pergunta era “Eu não faço a menor ideia”.

A título de exemplo, M.C. colocou os conflitos dessa trama. Susan Storm Richards, a Mulher Invisível, do Quarteto Fantástico. Inicialmente afiliada ao grupo em favor do registro, a Mulher Invisível acabou por, em um determinado momento da trama, mudar de lado, dadas algumas ações cuja responsabilidade é creditada a este grupo, tais como desenvolver um clone de Thor, o Deus do Trovão, o qual foi diretamente responsável pela morte de Bill Foster, o herói conhecido como Golias Negro. Cabe mencionar que Reed Richards, o Senhor Fantástico, líder do Quarteto e esposo da Mulher Invisível, foi um dos responsáveis pela criação deste clone. A reação a esta atitude em particular da Mulher Invisível, de abandonar o Senhor Fantástico por M.C. foi a de exclamar: “Oh meu Deus!”

Descrição densa

Quando foi solicitado a leitora que pormenorizasse mais suas impressões quanto a Mulher Invisível, seu papel e suas escolhas durante a Guerra Civil, M.C. respondeu: “Bom, porque eu acho, eu realmente apenas... me identifiquei com ela (a Mulher Invisível), agindo conforme aquilo que ela acreditava ser o certo, mesmo que ela... tipo, quando Tony (Stark, o Homem de Ferro)... você mencionou antes o clone de Thor, e como Reed Richards (Senhor Fantástico) e Tony Stark tipo... eles criaram o clone de Thor. E, você sabe, e então, a coisa toda com o Golias Negro e então ela reconhecendo que estava errada e decidindo fazer a coisa certa, você sabe, se unir ao time do Capitão América. E eu acho que apenas admiro a convicção dela e eu acho tipo... eu espero que eu faça na mesma situação o que eu penso ser o certo, a despeito de, você sabe, a despeito das amarras. Tipo você sabe, porque foi obviamente difícil para ela deixar o Reed. Você sabe, sabendo que ela o deixou com uma nota de despedida “por favor, conserte isso!”. Aquilo foi tipo ‘Uau’, tipo... eu espero fazer a coisa certa naquela situação e eu acho que eu me identifiquei

com aquilo. Fazer o que é o certo, com aquilo que eu considerava estar certo. ”

No intuito de especificar a crença da leitora MC quanto a não somente a aprovação da atitude da Mulher Invisível em trocar de times durante a Guerra Civil, mas também comprovar se esta leitora consideraria ter a mesma atitude da super-heroína em questão, considerando-se para tanto a sua crença quanto ao que é o correto a se fazer, perguntou-se se MC de fato acreditava que pessoalmente teria procedido da mesma forma. Sua resposta foi: “Eu acho que teria feito o que eu considerasse certo naquela situação. Se o que eu pensasse sobre estivesse correto. Então, se eu considerasse, no lugar da Mulher Invisível, deixar Reed Richards (o Senhor Fantástico) para me unir ao outro time era a atitude certa a se tomar, eu acredito que sim, teria feito isso. Eu pelo menos creio que teria feito isso.

Leitor: B.J.	
Idade: 38 anos	Estado Civil: Casado
Profissão: Professor Universitário	Naturalidade: Kansas City - MO
Formação: Doutorado em História do Teatro e Criticismo	

Personagem Favorito

Homem-Aranha.

Descrição Simples

B.J. apontou o Homem-Aranha (Peter Parker), como um dos seus personagens favoritos nas histórias em quadrinhos. Ao ser convidado a compartilhar de pelo menos uma situação ou contexto no qual se recordasse de haver empregado um ou mais exemplos obtidos através da leitura dos quadrinhos de super-heróis em sua própria vida, este leitor mencionou que “[...] o Homem-Aranha foi um personagem dos quadrinhos que eu li desde uma idade bem jovem, e eu acredito no seu mantra, “com grandes poderes, vêm grandes responsabilidades”. Isso se gruda em sua cabeça. E houve definitivamente momentos aonde, você sabe, no meu trabalho anterior, eu gerenciei uma companhia de teatro. E então... e agora, como um professor, você sabe, existem momentos em que eu fico: “Bom, você sabe, eu poderia cancelar a minha aula de hoje, suponho. Ninguém ligaria”. Mas, você sabe, isso é justo? Isso é certo? Eu não tenho tipo.... Eu tenho o poder de cancelar uma aula, mas eu não tenho a responsabilidade de tentar e ajudar as pessoas que vem a minha aula de hoje? Eu não tenho a responsabilidade de tentar e ter a certeza de que eles estão

conseguindo algo do dia de hoje? Você sabe... como todo mundo se sente no dia a dia. As pessoas não querem se doar 100%, em uma base diária, apenas querem ligar e avisar que não vão. Eu meio que penso no Homem-Aranha de vez em quando, onde eu me sinto como “Eu não preciso me depreciar perante ninguém”.

Descrição densa

O Homem-Aranha, escolhido como um dos personagens favoritos deste leitor, tem um mantra muito emblemático: “Com Grandes Poderes, Vêm Grandes Responsabilidades”. Esse mantra foi ensinado ao personagem por seu tio Ben, poucos momentos antes de sua morte, já que a inação de Peter Parker ao se recusar a prender um simples ladrão foi indiretamente responsável pela morte de seu tio, nas mãos do mesmo ladrão.

Na qualidade de professor universitário e antigo gerente de uma companhia teatral, B.J. reconhece ter ele mesmo se valido deste mantra, como quando aponta em seu relato que a saída mais “fácil” poderia ser empregada – a de faltar a sua obrigação como docente, ao simplesmente telefonar a alguém para transmitir um recado aos alunos, de que ele não compareceria à aula naquele dia marcado. Porém, o mantra do Homem-Aranha se faz tão presente em sua vida que o faz refletir a respeito da situação que está a se processar, incluindo para tanto o preceito de valores morais e éticos quanto ao fato de ser um professor. Supõe-se que seja mais simples escolher não comparecer a uma aula marcada, optando-se assim pela saída “fácil”. Contudo, também graças ao mantra do Homem-Aranha, o leitor BJ procura escolher a opção não tão fácil, mas mesmo assim a decisão aparentemente mais apropriada com o que se considera o exercício mais correto de sua profissão.

Leitor: E.Z.	
Idade: 29 anos	Estado Civil: Solteiro
Profissão: Trabalha com elaboração de diagnósticos na clínica universitária	Naturalidade: Cleveland - OH
Formação: Psicologia e Justiça Criminal	

Personagem Favorito

Professor X (Charles Francis Xavier).

Descrição Simples

E.Z. escolheu o mentor e fundador dos X-Men como um de seus personagens favoritos, ressaltando para tanto o quanto suas habilidades telepáticas seriam uteis. Ele compartilhou o fato de que sua atual companheira em um relacionamento amoroso sofre de depressão e o quanto é difícil, em alguns momentos, que ela se abra e compartilhe de suas angústias com o leitor. Então, a ele só resta tentar ser o mais compreensível possível. E, para tanto, ele se compara ao Professor X, cujo poder mutante lhe confere o dom de adentrar as mentes das pessoas. Mas não de forma invasiva, e sim muito mais ao estilo e atitude, segundo as palavras de E.Z., “me ajude a compreender, para que eu possa auxiliá-la”.

Descrição densa

O leitor E.Z. citou o Professor X como favorito, por causa de seu poder (telepatia), e o quanto ele (E.Z.) gostaria de contar com este poder em sua vida real, para ajudar algumas das pessoas com quem convive, sobretudo sua atual companheira, que sofre com problemas de comunicação, os quais a impedem de expressar os seus pensamentos, ainda que negativos, de acordo com o depoimento. O leitor mesmo atesta que uma pessoa não tem como saber pelo que uma outra pessoa está realmente passando, a menos que essa primeira pessoa em questão esteja apto (a) a também sentir o mesmo. O fato de desejar o poder de Xavier, neste caso, seria com o intuito de poder fazer mais pela companheira, se pudesse de fato compreender pelo que ela passa. Mas ele reconhece que isso não é possível, no mundo real.

E.Z. combinou o poder de um de seus personagens favoritos – o Professor X - com o seu desejo de possuir sua habilidade – telepatia – para auxiliar sua companheira, a qual demonstra uma introspecção enorme, a qual de acordo com E.Z. pode ser inclusive caracterizada como uma patologia. Ele gostaria de poder saber mais sobre que se passa na mente dessa pessoa de estima alta, de modo a poder auxiliá-la em seu crescimento, do mesmo modo que Xavier o fez e faz com

vários de seus X-Men, outros mutantes e demais pessoas que necessitam ou buscam por sua ajuda.

Leitor: K.S.	
Idade: 38 anos	Estado Civil: Casado com 02 filhos
Profissão: Oficial do Exército dos EUA	Naturalidade: Chicago - IL
Formação: Mestrado – Estratégia Militar	

Personagem ou História Favorito (a)

Batman (Bruce Wayne)

Descrição Simples

K.S. informou que a sua motivação em amar as histórias em quadrinhos realmente se deve ao fato – que ele mesmo fez questão de apontar a possibilidade de ser clichê ou mesmo típico – de amá-las desde a sua infância, e que ele tivera uma infância terrível. De acordo com seu relato, ele foi vítima de familiares sob forte influência do uso de álcool e de substâncias ilícitas, o que inevitavelmente levaram a violência doméstica. Quadrinhos se constituíam como uma forma de escapismo daquela realidade. E o Batman é um de seus personagens prediletos, pelo fato deste personagem também ter tido uma infância traumatizante e difícil, sendo inclusive capaz de se sobressair frente as adversidades que sofreu. Inclusive, na visão de K.S., Batman sempre foi capaz de perseverar frente as adversidades. Outra característica que lhe agrada quanto a este personagem é, segundo sua análise, ele ser capaz de vencer as adversidades sozinho, sem necessariamente contar com o auxílio de ninguém.

Descrição densa

Indagado sobre a existência de uma conexão pessoal entre sua superação do período da infância e das experiências desagradáveis a que foi exposto no mesmo, e a leitura dos quadrinhos de super-heróis, K.S. confirmou atribuir muito de sua capacidade de ter vencido este período por, segundo ele, “[...] ter esses heróis”. O leitor aqui não apenas elencou Batman como um personagem favorito, mas também reconheceu em seu depoimento o paralelo entre a infância que Bruce Wayne viveu desde os oito anos de idade, ao ver seus pais assassinados, com a sua própria, tendo sido vítima de abusos de familiares intoxicados pelo consumo de álcool e substâncias ilícitas.

Fato a se destacar na história do leitor em questão e o quanto a figura do Batman lhe auxiliou a vencer e a lidar com este período de sua vida, uma vez que este personagem demonstrou a K.S. a possibilidade de um jovem menino vencer uma difícil situação de vida sozinho, por si mesmo. Além dos quadrinhos de super-heróis também mencionados por ele, como sendo uma fonte de abstração e de escapismo da difícil realidade com a qual se deparou e viveu em sua infância.

Leitora: K.B.	
Idade: 24 anos	Estado Civil: Solteira
Profissão: Especialista em Help Desk & Coordenadora de ensino na faculdade de engenharia	Naturalidade: Omaha-NB
Formação: Mestrado – Biblioteconomia & Ciência da Informação	

Personagem ou História Favorito (a)

Batmoça / Oráculo (Bárbara Gordon)

Descrição Simples

K.B. compartilhou o fato de que obteve muita inspiração de Bárbara Gordon pelo fato de esta personagem ser uma bibliotecária, sua formação acadêmica de origem. Outro fator que lhe agradou foi o de Bárbara, inicialmente como Batmoça segundo sua visão, demonstrar muito regozijo no combate ao crime. Inclusive aponta essa constatação como tendo sido feita por Batman, ao admitir que “ninguém amou mais fazer o seu trabalho como Bárbara o fazia, quando ela era a Batmoça”. Constatação esta que pode ser comprovada em Batmoça: Ano Um e K.B. ressalta sua paixão como fã daquilo que Bárbara Gordon como Batmoça representava.

Mesmo depois de A Piada Mortal, quando Bárbara assume a identidade de Oráculo, ela ainda se sobressai, tal qual uma precursora da internet, auxiliando Batman na luta contra o crime.

Descrição densa

K.B. estabelece claramente a diferença entre as duas identidades que Bárbara Gordon assumiu em sua carreira no combate ao crime. Como Batmoça, sua primeira identidade secreta, K.B. ressalta a atitude de Bárbara Gordon como representante feminina em um mundo dominado pelos super-heróis. Atitude essa traduzida pela alegria de Bárbara ao adentrar no combate ao crime, e pelo fato de, como mulher, comprovar que elas também podem ser heroínas, sem

reprimendas e se saírem muito bem nesta atividade. Após a Piada Mortal – quando a carreira de Bárbara Gordon como Batmoça é brutalmente encerrada pelo Coringa, que a aleija com um tiro na coluna vertebral, mesmo sem saber que Bárbara Gordon e a Batmoça eram a mesma pessoa – Bárbara abandona seu antigo traje e identidade, mas o faz procurando de alguma forma continuar no combate ao crime. Esta forma prezou mais por sua formação acadêmica. E como bibliotecária, Bárbara passou a ser a rede de informações e do conhecimento ao Batman e a outros heróis, adotando a nova identidade de Oráculo. K.B. inclusive ressaltava a representação do poder da informação que Bárbara assume nesta nova identidade, pois segundo ela, os bibliotecários podem ser os coordenadores da informação, mesmo tendo de enfrentar a adversidade de portar uma necessidade especial.

Tamanha necessidade especial foi também, ainda que circunstancialmente, compartilhada entre a personagem Bárbara Gordon e a leitora K.B., a qual relatou ter tido a experiência prévia de utilizar uma cadeira de rodas pelo período de um mês aproximadamente, por ter tido seu fêmur quebrado em um acidente de carro. K.B. se considera uma pessoa afortunada, por seu osso da perna ter apenas se fraturado, pois do contrário, ela teria que ser confinada a um exoesqueleto. Durante este mês em questão, tendo que se adaptar a cadeira de rodas e as dificuldades advindas da mesma, K.B. relatou sua inspiração por Oráculo/Bárbara Gordon, em particular a manutenção por esta da atitude de ainda ser possível se realizar sua função, como uma combatente do crime, mesmo que se adaptando para a mesma. K.B. ressaltou o quanto se sentiu bem atraída as tramas e histórias em que Oráculo participava, já que, segundo suas próprias palavras, “[...] foi muito bom ter podido ver esta representação ali, já que era isso o que eu tinha de fato”.

CONCLUSÃO

Em se tratando da leitura e de seu estudo, Iser (1999) pontuou a influência que uma obra exerce frente a seu público leitor, estabelecendo que o ato de ler em si se caracteriza como algo que permite ao leitor (receptor) reelaborar a leitura realizada através de reflexões, ponderações e inferências com a realidade. Não obstante, Iser concluiu que o texto não retém uma exclusividade de sentido em si mesmo, necessitando que um leitor realize o quão significativa essa mesma leitura se faz. Silva (2005) pontua a questão do sentido como sendo uma preocupação chave nos estudos de Geertz, já que o mesmo defende uma perspectiva antropológica interpretativa, notabilizada também pela

compreensão e a interpretação dos sentidos que um grupo, conjunto ou comunidade de seres apresenta junto aos atos que exibem.

As histórias em quadrinhos de super-heróis podem contribuir para com o estabelecimento de leitores capazes de exibir e demonstrar maior consciência, tanto quanto a sociedade em que vivem quanto de si mesmos, como membros desta mesma sociedade. Os depoimentos aqui apresentados apontam para a efetividade da leitura desses quadrinhos na formação continuada de um leitor ativo e crítico, o qual exibe a capacidade de se apropriar dos conhecimentos veiculados nas páginas dos quadrinhos e estabelecer conexões entre este mesmo conteúdo ali disponibilizado e reflexões próprias quanto ao seu próprio impacto e papel, diante daquele conhecimento, para com a sociedade.

Considerando-se que, em consonância com os depoimentos coletados via entrevista e aqui postulados, o texto dos quadrinhos também não prima por reter a assim chamada exclusividade de sentido em si mesmo, isso significa que pode-se vislumbrar também aos quadrinhos como uma fonte de leitura a qual o leitor é convidado a refletir e possivelmente interpretar o sentido das falas, ações e posicionamentos de personagens, quando inseridos em uma trama ou arco de histórias.

A descrição densa de Geertz é o que permitiu obter do leitor de quadrinhos o olhar e a leitura diferenciada sobre os personagens e os contextos retratados, pois através da mesma poder-se-á ter acesso aos elementos apontados e ressaltados pelo leitor, os quais foram capazes de captar a sua atenção e influenciar o suficiente para que, dentro de seu próprio contexto social possam ser empregados como uma forma de se lidar com esta mesma realidade.

Não se pretende aqui esgotar todos os argumentos quanto a leitura das histórias em quadrinhos de super-heróis e seus possíveis aproveitamentos e impactos na formação e/ou vida de seus leitores. Mesmo porque, devido a ainda diminuta quantidade de estudos disponíveis os quais abordem os quadrinhos em seus mais variados gêneros, formatos, personagens e público leitor, muito ainda pode ser visto e argumentado a respeito dos mesmos. A comprovação de uma reflexão desse porte pelo leitor foi possível graças as noções e estudos de Geertz para se interpretar e compreender os sentidos que os leitores de histórias em quadrinhos dão a leitura das mesmas, e como reaplicam este sentido adquirido da leitura em suas próprias vidas. Como acredita-se que esta seja uma teoria, não a única disponível, que pode ser empregada para se interpretar a relação existente entre leitor e as histórias em quadrinhos, reforça-se aqui o convite ao estabelecimento de mais trabalhos e

pesquisas sobre o tema, os quais possam agregar valor a este público e a esta mídia.

REFERÊNCIAS

BARI, Valéria Aparecida. O potencial das histórias em quadrinhos na formação de leitores: busca de um contraponto entre os panoramas culturais brasileiro e europeu. 2008. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo, São Paulo. Brasil.

CAPUTO, Maria Alice Romano. Histórias em quadrinhos: um potencial de informação inexplorado. 2003. Dissertação (mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo, São Paulo. Brasil.

DEZIN, Norma K. LINCOLN, Yvonna S. (Eds.). *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks, London, New Delhi: Sage Publications, 1994.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. A opção pela literatura de massa: simples lazer, ou alienação? *Investigación Bibliotecológica*, México, v.14, n.28, p.166 – 177, jun.2000.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Reflexões sobre o gosto na escolha da leitura de lazer: desfazendo preconceitos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 19, Porto Alegre, 2000. Anais...Porto Alegre: Associação Riograndense de Bibliotecários, 2000, v.1, 13 p. (CD-ROM).

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ECO, Umberto. *O Super-homem de massa*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 2004.

HANNERTZ, ULF. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. *Mana*, Rio de Janeiro, v.3, n.1, abr. 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104 Acesso em: mar. 2013.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Ed. 34, 1996-1999.

ITZKOFF, Dave. *Scholar finds flaws in work by archenemy of comics*. The New York Times.com, 2013. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2013/02/20/books/flaws-found-in-fredric-werthams-comic-book-studies.html?pagewanted=all&r=0>. Acesso em: ago. 2014.

KROOPNICK, Steve. *Comic book superheroes unmasked*. Estados Unidos: History Channel, 2003. Programa de TV. AVI (93 min.), color. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=Ygx_rUJ3XaI Acesso em: ago. 2014.

McCLOUD, Scott. *Desvendando dos quadrinhos*. São Paulo, Makron Books, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

RAMOS, Rubem Borges Teixeira. Histórias em quadrinhos na sociedade contemporânea: lazer, produção e obtenção de conhecimento na leitura das revistas de super – heróis. 2008. Dissertação (mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. Brasil.

SILVA, Rubens Alves da. Entre “artes” e “ciências”: a noção de performance e drama no campo das ciências sociais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.11, n.24, p.35-65, jul / dez. 2005.

STUEVER, Hank. *Clash of the comics titans: battle lines, if blurry, are still drawn between Marvel and DC*. [s.1]: Washington Post.com, 2006. Disponível em: http://www.washingtonpost.com/wpdyn/content/article/2006/06/30/AR006063001880_pf.html> Acesso em: jul.2007.

TILLEY, Carol L. Seducing the innocent: Frederic Wertham and the falsifications that helped condemn comics. *Information and Culture: a Journal of History*, Austin, v.47, n.4, p.397-413, 2012. Disponível em: http://muse.jhu.edu/journals/libraries_and_culture/v047/47.4.tilley.html. Acesso em fev. 2014.

TILLEY, Carol L.; CALLISON, Daniel. Preparing school library media specialists for the new century: Results of a Survey. *Journal of Education for Library and Information Science*, Indianapolis, v.42, p. 220-227, 2001.

TILLEY, Carol L. Of nightingales and supermen: how youth services librarians responded to comics between the years 1938 and 1955. 2007. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Indiana University Press. Indiana. Estados Unidos.

TILLEY, Carol L. Superman says read: national comics and reading promotion. *Children's Literature in Education*, New York, v.44, n.3, p. 251-263, 2013.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. Histórias em quadrinhos. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra; MACEDO, Vera Amália Amarante (Orgs.). *Formas e expressões do conhecimento: introdução às formas de informação*. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998. P. 115-149.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. Histórias em quadrinhos: seu papel na indústria de comunicação de massa. 1985. Dissertação (mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo. São Paulo. Brasil.



Submissão: **15 de março de 2016**
Avaliações concluídas: **10 de junho de 2016**
Aprovação: **12 de agosto de 2016**

COMO CITAR ESTE ARTIGO?

Rubem Borges Teixeira Ramo. O Leitor de Histórias em Quadrinhos de Super-Heróis: Reflexões com Base nos Estudos Culturais (*Dossiê História em Quadrinhos: Criação, Estudos da Linguagem e usos na Educação*). *Revista Temporis [Ação]* (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 16, n. 02, p. 383-409 de 469, número especial, 2016. Disponível em:

<<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>> Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >